

CORRESPONDÊNCIA COM O ALÉM

— CARTA A RODRIGO EMÍLIO —

Meu querido Rodrigo,

Escrevo-te, não só «com o sempre-vivo fim de te saudar»⁽¹⁾, mas, também, porque escrevendo-te uma carta, colhe-me a ilusão de, com o teu aristocrático porte, «numa mão, o cigarro, e na outra, a pena»⁽²⁾, ainda te ter entre nós!

Não sou um erudito, como muito bem sabes! Apenas e só, alguém que se limita a ser um *não inculto!*

Outros, esses sim eruditos, haverão de falar (alguns, já o fizeram) da tua cultura, do teu saber, da tua erudição, do *enormíssimo* poeta e cultor da Língua Portuguesa!...

Por mim, quedo-me pelo «antiquíssimo e idêntico» que sempre fui de ti e pela saudade desmedida que me deixaste — saudade da qual, agora que estás na Eternidade, te deves sorrir: é que para ti, meu irmão, o tempo deixou de contar!...

Partiste muito cedo, muito depressa e, como era teu hábito, sem aviso prévio...

Aqui ficamos, muito sós, estes poucos que somos, intransigentemente, fiéis à IDEIA!

Sempre te mantiveste fiel às ideias que toda a vida perfilhaste, não te limitando a sê-lo *dilientamente*, pois que, em sua defesa, *militantemente*, pelejaste, incansável íntegra e heroicamente, não só com a pena e o talento mas, também, com armas na mão, no Portugal Africano de Moçambique.

Sim, Rodrigo, como poucos, deste o talento e o corpo ao manifesto!

Uma coisa te prometo, meu muito querido e saudoso poeta do Império e das coisas lindas e importantes da vida (entre elas — oh senão! — a boémia sadia e intelectualmente estimulante): — eu, pelo menos eu, tal como tu, manter-me-ei fiel até ao fim do meu fim!

Foste, para além de meu amigo e meu irmão, o companheiro de infindáveis horas de consoladoras, reconfortantes e vivificantes conversas; quantas vezes (oh meu Deus!), o companheiro da Esperança que ainda nos invadia: — sermos capazes de mudar o rumo que impeliu a nossa Pátria para o aniquilamento, a destruição, a vergonha!... (Lembras-te de, já com a Pátria morta, havermos chegado a acreditar na Sua ressurreição?!...)!

Como tu, meu saudoso Rodrigo, também eu passei por essa vergonha sem nome de estar vivo à hora a que a Pátria se finava!...

Éramos, ao que parecia (oh, ingénua ilusão!), bastantes até à data «negra e negregada»⁽³⁾ do 25 de Abril!...

Após tal data, chegamos ao ponto de, bem contados, restarmos tu, eu, o meu Pai, o António José de Brito, o Luís Fernandes, o nosso queridíssimo Goulart Nogueira, o Caetano Beirão, o Armando Costa e Silva, o Manuel Maria Múrias, o António Manuel Couto Viana, o Walter Ventura, o António Carlos Rangel e... poucos mais!

(Claro que apenas nomeio gente que assistiu à *desgraça*, gente da nossa geração e da que nos antecedeu!).

E somos cada vez menos porque, d'entre esse último reduto de fiéis, do qual alguns já partiram para sempre (o meu Pai, o Manuel Múrias, o Caetano Beirão, o Armando Costa e Silva, tu e... mais uns poucos, com os quais já te (re)encontraste!).

Quanto aos outros que pensávamos serem «dos nossos», foram (e vão) andando a mudar-se, *cheios de vaselina*, entre os permissivos e devassos interstícios da democracia!

— [Ainda agora, agorinha mesmo, senti a Pátria (com a qual já te avistaste no doce afago do Criador), sorrir para nós os que, ainda e sempre, a Ela, fiéis, por aqui continuamos «gemendo e chorando neste vale de lágrimas»!...]

Meu querido amigo-como-irmão, meu camarada, meu cúmplice-em-português, que mais acrescentar a estas palavras escritas numa das horas mais tristes a que Deus me pôde sujeitar senão dizer-te, Rodrigo, que me fazes muita falta?!...

Mas, antes de pousar a caneta não posso deixar de te fazer duas angustiantes perguntas e uma admoestação:

— Porque partiste?

Deverias saber que, com o nosso António Manuel Couto Viana, apenas nos restavam dois poetas do Império!...

Não te deste conta de que, agora, só sobra aquele de quem «Uma Vez Uma Voz», «Desesperadamente Vigilante», «Entretanto Entre Tantos»⁽⁴⁾, graças a Deus, ainda por cá canta e... *vigia*?!...

Não se desaparece assim, meu poeta!... (Ainda por cima, deixando um outro tão só!...)!

Aproveito para, através de ti, em meu nome e no de toda a minha família, me dirigir aos teus: — um sentido e comovidíssimo beijo à tua Tera que sabe, tão bem quanto tu sempre o soubeste, ter em cada um de nós um grande e dedicado amigo!

Ao Nico, ao Goncho e à Constança (a tua «Vassourinha»), a amizade e o carinho que sempre nos uniu!

Finalizo esta carta para o Além, lembrando-me do quanto gostavas do modo como o teu amigo (já o abraçaste efusivamente, não foi?), Tomaz de Figueiredo, se te dirigia:

— Até à Eternidade, «rapaz Rodrigo»!

Com o coração apertado e roído de saudades, envia-te um forte, comovidíssimo abraço e a inevitável saudação à romana e à Mocidade Portuguesa, o teu amigo muito triste,

Alberto.

Post-Scriptum — Meu Rodrigo, gostava de ver o teu olhar (sempre tão aceso!), ainda mais resplandecente, ao ouvires o *cd* do nosso «trovador d'Império», José Campos e Sousa! Ele é, sem sombra de dúvida, o teu verdadeiro intérprete, pois, genialmente, conseguiu captar, em toda a sua extensão e plenitude, o teu belo ritmo poético!

Acima de tudo corajoso! É que, nestes negros dias que vivemos, é preciso ter coragem para cantar-te e/ou enaltecer as tuas/nossas ideias!

Até um dia («e esse dia já vem perto, se calhar»...)⁽⁵⁾, meu amigo!
Teu fidelíssimo,

Alberto.

Notas:

(1) – Rodrigo Emílio, «Em louvor de José Eduardo Corrêa de Barros».

(2) – *Idem*, Correspondência com Alberto Corrêa de Barros.

(3) – *Idem*, «Abriladas desabridas»

(4) – Títulos de três obras de António Manuel Couto Viana.

(5) – *Idem, ibidem*, nota 1.

Alberto Corrêa de Barros,
2 de Abril de 2005